

Por favor, fale um pouco sobre a sua biografia. Você atuou como professor, escritor e sociólogo. Como foi atuar no cinema?

Eu sou Professor na Universidade da Pensilvânia. Comecei a ensinar na Universidade da Pensilvânia depois que recebi o meu doutoramento em 1988. Eu recebi meu PhD pela Universidade de Chicago. Como um demógrafo, vi que era muito importante para mim desenvolver relações com os estudiosos africanos. Sendo assim, depois de estar na Universidade da Pensilvânia durante três meses, fui ministrar meu primeiro curso na África. Tirei férias e fui para a Universidade de Makerere, em Uganda. Eles tinham acabado de reabrir sua universidade e por isso fui lá e conversamos sobre um curso de como fazer uma pesquisa demográfica e como fazer um papel demográfico. Para mim foi muito importante, porque eu sinto que a minha vocação é ser um educador e eu acho que a vocação é muito diferente de um trabalho, porque um trabalho é o que você tem que fazer, porque você tem que comer, a não ser que você seja rico e independente, o que eu não sou. Portanto, eu tenho que trabalhar para comer, mas eu queria trabalhar em uma linha que era a minha vocação e a minha vocação é ensinar. Eu amo ensinar, e eu acho que é o que eu posso fazer bem e o que eu posso fazer bem para o mundo. E eu acho que posso ajudar a nossa compreensão de vida pelos meus ensinamentos e acho que fazendo isso eu posso ajudar a fazer do mundo um lugar melhor. Então, quando me foi dada a oportunidade de me tornar um host em um programa de televisão nos Estados Unidos, agarrei essa oportunidade. E isso foi por volta de 2001. E depois de fazer isso por alguns anos eu percebi que filmes, imagens e vídeos são uma forma muito poderosa para educar as pessoas. E assim eu queria descobrir como usar filmes para educar as pessoas sobre um grande problema no qual eu estava interessado. E então eu comecei a pensar sobre que tipo de filme que eu gostaria de fazer. Naquela época eu fiz uma lista de cinco filmes e foram feitas filmagens para dois deles; o primeiro deles era o *African Independence*. A minha ideia com esse filme era que, quando olhamos ao redor do mundo, poucas pessoas sabem alguma coisa sobre a África, e eles sabem ainda menos sobre a metade das coisas que se tem na África. Então, eu queria fazer um filme sobre algo que eu achava que era positivo, que tivesse sido feito principalmente pelos africanos para os africanos, e seria a África no filme. Ouvimos muita coisa sobre a corrupção africana, ouvimos muito sobre a pobreza africana, ouvimos muito sobre a incapacidade da África para se curar das suas próprias doenças e resolver seus próprios problemas de saúde. Mas muito raramente ouvimos sobre como os africanos estão envolvidos em atividades que fazem da África um lugar melhor para todos.

E o *African Independence* fala disto. Eu acho que é tão importante porque gera uma conversa muito diferente e agora temos circulado com estes filmes em festivais de cinema e isto criou uma conversa muito poderosa, pois as pessoas vem me dando prêmios por este filme, e também porque o filme tem servido como veículo para estimular um tipo diferente de conversa sobre a África. Precisamos de um tipo diferente de conversa sobre a África. Não estou negando que há problemas na África. A pobreza é um problema. A guerra é um problema. As doenças são problemas. No entanto, em algum momento temos que sentar e dizer como a África ataca esses problemas e o que tem feito para provar que a África pode resolver esses problemas. Esta é uma das coisas: o movimento da Independência. Então, fazer esses filmes é outra maneira de ajudar a melhorar a qualidade da educação que as pessoas têm sobre a África.

Você pode nos dizer sobre o seu próximo projeto?

Meu próximo projeto é sobre pessoas negras na América Latina. Eu vou, nos próximos dois anos, passar o máximo de tempo que eu puder, ou seja, o tempo todo, na América Latina. E eu vou começar a viagem no Peru, depois vou para a Venezuela, o Equador e a Colômbia. Então, eu vou ser capaz de aprender espanhol, enquanto estiver lá. E nos últimos sete ou oito meses vou ficar no Brasil.

Que tipo de projetos você está envolvido, além de filmes?

Sou o Presidente do Departamento de Sociologia. Eu fundei o Centro de Estudos Africanos, que foi criado há cerca de dez anos atrás, na Universidade da Pensilvânia. Outra pessoa dirige o centro agora, porque, em essência, o meu projeto atual é fazer filmes. Meu próximo projeto de filme é um projeto de filme na América Latina, com foco na população negra da América Latina. E estou tentando entender suas lutas por direitos. Quem são eles? Quero dizer, o que significa ser um membro da diáspora Africana no Brasil? ou no Peru? O que isso significa? E o que isso significa para as pessoas que estão lá? E o que significa voltar-se para as suas lutas por direitos políticos?

O governo federal no Brasil tem algumas ações de inclusão e está pensando em soluções, como cotas raciais, para ajudar as minorias e proporcionar-lhes benefícios em universidades e empregos públicos. Como você considera esse tipo de ação?

Esta ação é uma ação para contornar ações que impediram os negros de entrar em lugares que já lhe eram de direito. E, agora, já tardiamente, eles vem e oferecem essas medidas para os negros, o que é uma pequena coisa, visto que eles não deveriam ter sido impedidos. O número determinado para ascotase, geralmente, sempre muito baixo. E quem garante que isso vai compensar a desvantagem das pessoas que sofreram algum tipo de discriminação? Elas poderiam ter sido feitas em um estágio mais precoce, quando essas pessoas foram impedidas de conseguir algo por causa de atitudes em relação a eles.

O que você acha das pessoas que se opõem a esse tipo de ação?

Eu acho que as pessoas que se opõem a elas são as pessoas que podem perder privilégios. Então, se as pessoas entendessem o que a ação afirmativa vai alcançar, elas iriam apoiá-la. Existem pessoas que não querem a mudança, pois pensam que vão perder seus privilégios; estas precisam ser educadas. As pessoas que se opõem por achar que o negro é inferior é que são o problema, pois elas julgam os outros pela aparência, pela cor da pele. As outras pessoas só precisam ser educadas; precisam entender o que é melhor para a sociedade e o que é melhor para o mundo.

Inauguramos nosso Centro Africano aqui na UFMG como uma cooperação entre as Universidades. Qual é a sua opinião sobre isso?

Eu acho que é muito importante ter centros de estudos africanos, pois na universidade moderna tínhamos História, Filosofia, Literatura, Ciências Humanas. Agora, temos a Sociologia, a Economia. Mas todas essas coisas eram realmente supremacia branca. Então, nesse

contexto, agora a humanidade da África não é apenas reconhecida, mas é elevada. E isso é porque os estudos africanos já percorreram um longo caminho. E assim, o potencial de estudos africanos é ajudar a todos nós compreendermos a nossa humanidade, mesmo se não somos africanos. Como conhecer sobre humanidade se não reconhece a humanidade da África? Então, um centro é fundamental, e o futuro do mundo tem muito a ver com o que acontece agora.